

INTEGRANDO OS TRÊS ASPECTOS DA BONDADDE

1. EU VOU LIBERAR OS SERES

Nosso desejo de ajudar os seres a abre o nosso coração e traz um senso caloroso de bem querer e conexão. Da mesma forma que a intenção de seguir uma jornada, esse desejo altruísta nos permite preparar e começar a reunir as boas qualidades e recursos que devemos precisar. Tendo os seres sencientes e seus diversos sofrimentos como objeto da nossa sincera bondade amorosa e compaixão, sustentamo-os na mente diante de todas as circunstâncias de forma que a nossa intenção se torna vasta como o céu. Nossa aspiração para benefício dos outros não tem limites e pode surgir de formas novas com cada situação que encontramos. Então, nós devemos intencionar e desejar e ter esperança e rezar:

Meu desejo: Que todos os seres se libertem do sofrimento

Minha intenção: Eu vou treinar para libertá-los do

o sofrimento da dor, perda, fome e guerra

o sofrimento devido ao surgimento das causas da ignorância

o sofrimento de todas as aflições, emoções e suas consequências

o sofrimento da solidão

o sofrimento de um coração amedrontado e fechado

o sofrimento de devido a ações egoístas realizadas apenas para sua própria satisfação

o sofrimento à emergência de não perceber que estamos cortando a nós mesmos/as quando cortamos uma árvore

o sofrimento ao não encontrarmos a bondade amorosa por nós e pelos outros também

o sofrimento por tomar as coisas como dadas

o sofrimento por não saber que estamos conectados

o sofrimento por pensar que somos muito pequenos/as e não podemos ajudar

o sofrimento por não saber como ficar tranquilos/as

o sofrimento por sermos violentos/as de muitas maneiras entre nós

o sofrimento por não ver a nossa beleza e a beleza ao nosso redor

o sofrimento por não ouvir a voz da verdade

o sofrimento por correr sem fim no círculo do samsara

o sofrimento por não descobrirmos que somos

2. EU ESTOU LIBERTANDO TODOS OS SERES

Uma vez que começamos a nossa prática, começamos na nossa jornada e mudamos do desejo de ajudar os seres para verdadeiramente ajudá-los, incluindo-os nos estágios do nosso estudo, reflexão e meditação. Adotamos o darma como o objeto de suporte ou focamos na nossa bondade amorosa. Refletimos que todos os seres querem a felicidade ainda que agem de maneira que tragam grande miséria. Refletimos no apego do corpo, da fala e de eventos mentais e também às posses, família, amigos, etc – tudo o que é impermanente e imprevisível. Através da prática tranquilizante nós nos tornamos mais conscientes da nossa distração e vemos como esta é partilhada por todos os seres. Vemos que a nossa visão é sempre parcial e, à medida que o carrossel dos eventos gira, nós frequentemente nos encontramos cegos/as e capturados/as.

Ao ver o surgimento dependente de todos os fenômenos, incluindo a nós mesmos/as e a sua conseqüente ausência de existência inerente, despertamos do sofrimento alimentado pelas correntes de reificação, apreensão, desejo e aversão. Todos os seres dos seis reinos estão sendo sugados neste oceano mesmo quando eles imaginam que estão nadando. A vacuidade de si e do/a outro/a, e de todos os outros conteúdos da mente, aponta para a possibilidade do despertar, da liberação do sofrimento da crença na dualidade. Quando começamos a experienciar isto diretamente, nos sentimos tão tristes por todos/as aqueles/as que não possuem um caminho para levá-los à verdade da natureza ilusória da existência. Dessa forma, insight e sabedoria alimentam a bondade e a compaixão na medida em que a diferença entre eu e outro/a revela-se como um mero conceito, uma construção falsa.

Ao ativar esta compreensão através da prática do tantra, nós diretamente incluímos todos os seres na mandala de buda. Purificados/as pelo fluxo da essência luminosa do corpo, fala e mente de buda, começamos a ver que as limitações de todos os seres são, de fato, nossa projeções. Com esta transformação, tudo o que vemos, ouvimos, tocamos, cheiramos, pensamos e lembramos é a exibição de miríades de budas, auto-emergentes e auto-evanescentes dentro da não-dualidade.

Assim, abrir-se para a meditação não-dual do dzogchen e do mahamudra, a inseparabilidade dos três aspectos de buda, darmakaya, sambogakaya e nirmanakaya, aparecem como a verdade vital de como somos. Com isto, todos os seres são espontaneamente incluídos na compaixão que tudo pervade.

A partir deste caminho, nos movemos da verdade relativa impura preenchida com a reificação e os cinco venenos para a pura verdade relativa com a progressiva diminuição dos cinco venenos e a dissolução da reificação na vacuidade. Através dessa imutável e absoluta verdade, a não-dualidade não-nascida e incessante é o lugar onde repousamos.

3. TODOS OS SERES SÃO INTRINSECAMENTE LIVRES

A compaixão absoluta é a compaixão livre de objetos. Não há um bom sujeito tomando conta de sujeitos ou objetos machucados e perdidos. Não há transações entre sujeito e objeto uma vez que eles não existem, são apenas a exibição de luz e som. Desde o princípio, há apenas A, tudo o mais é uma mera aparência fantasmática. Não há alguém para ser salvo e ninguém para realizar o salvamento e ainda, a lucidez disto é sempre brilhante, inclusiva e responsiva. Esta é a verdade imutável, intrínseca, não-composta, indestrutível e inexprimível. É a real liberação primordial de todos os seres.

O caminho para este despertar pode ser menor que um passo e ser menor que um momento, ou pode envolver muito mais jornadas no samsara e tomar aeons. Isso depende do nosso desejo e da nossa capacidade de simplesmente estar com aquilo que é.

DISSOLVENDO A DESINTEGRAÇÃO DA INTEGRIDADE

A liberdade intrínseca participa da auto-liberada exibição da experiência, ainda que envolvida na reificação dualizante, Eu, como todos os seres, estou cego para a porta aberta e gasto meus dias desenhando marcas na prisão que construí para mim mesmo. A mente em si mesma é livre. Eu ouço isto mas permanece sendo uma ideia entre outras ideias. E assim eu procuro me libertar e todos os seres de tantas provocações vexatórias. Minha intenção é boa, eu desejo a todos os seres que estejam bem, livres e felizes. Eu estou desejando me esforçar por isto e ainda assim o esforço em trazer liberdade mantém a prisão da dualidade.

Este paradoxo é como uma maldição que aumenta nosso entorpecimento mental enquanto nos esforçamos pela clareza ainda que tudo que precisamos seja ver que a calma e o movimento são inseparáveis. A intoxicação com o movimento e o agenciamento é como nos perdemos uma vez que a calma intrínseca é ignorada. Quando a base primordial é ignorada é como se o conhecedor e o conhecido, o realizador e o ato, fossem dois domínios separados, dois aspectos irreconciliáveis da realidade. Se esta interpretação funciona como a nossa visão então nós mantemos nossa própria separação dentro do espaço infinito da impossibilidade de separação. A parte não pode dar conta do todo ainda que o todo possa,

sempre, incluir todas as 'partes'. Os dois primeiros aspectos da bondade são vibrantes dentro da bondade absoluta, presente como um arco-íris no céu. Entretanto, mesmo que o absoluto pervada tanto a bondade intencional como a performativa, elas não têm condições de incluir o absoluto. Então é vital despertar para a verdade sempre-presente que a divisão não verdadeiramente divide o campo da experiência de sua base, uma vez que não há nada para ser separado no não-dual intrínseco.

O todo é imutável na sua totalidade; a diversidade dentro dele é a sua própria e rica exibição sem nunca se perder da não-dualidade. Eu ouço isto, e ainda assim me sinto puxado na direção do meu senso de afirmação de um eu através da intensidade do meu desejo de que todos os seres sejam felizes, e assim eu sou desviado pela virtude.

Não faça uma hierarquia de práticas e visões do darma. Todas são válidas, todas são vazias. Desacordo, oposição e escolhas disto ou daquilo apenas emergem quando estamos presos/as na dualidade. O todo é total e não-dividido. A visão que ilumina o todo, a visão que é iluminada pelo todo, mostra toda a colaboração de todos os aspectos do darma. Peregrinações, apoio aos que estão morrendo, chorar com os aflitos, tudo isso é o jogo da vacuidade. Tendo a visão não-dual como a sua verdade viva, tudo é permitido e todos os caminhos do darma são a radiância do darmakaya.

James Low 27 de Março de 2020

Traduzido para o português por João Vale em 01.04.2020